



Um mundo miatizado e poucas vozes¹

A miatization world and few voices

Juliana Linhares Brant Reis

Gioandro Marcus Ferreira

Palavras-chave: miatização; silêncio; circulação; sentido.

Este resumo é um pequeno recorte de uma tese de doutorado que segue em desenvolvimento. A tese se preocupa com o acesso de pessoas surdas ao direito à comunicação e, para isso, investiga as legislações voltadas para o tema da inclusão e as relacionadas com o direito à informação e comunicação; analisa também as iniciativas das instituições de mídia em relação à acessibilidade na produção audiovisual. Percebe-se que mesmo diante de uma sociedade miatizada, o acesso se mostra como um privilégio que não é de todos. Quando procuramos compreender o discurso de inclusão nos meios de comunicação e nas legislações, percebemos que muitas vezes estamos a analisar o não-dito, a não-circulação. Nos deparamos, então, com a análise do silêncio e das formas em que ele se apresenta.

Nesta perspectiva, o objetivo deste artigo é debater sobre a importância de analisar os efeitos de sentido do silêncio e da não-circulação. Quais os efeitos de sentido na ausência do discurso, na falta de uma comunicação para a diversidade? Como se dá a

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



produção de sentido da opacidade algorítmica, que tem implicações ainda na negação da realidade?

Discurso e linguagem são fundamentais nas práticas sociais, contribuindo para a constituição da estrutura social que, por sua vez, molda, reconfigura e restringe as narrativas. De acordo com Verón (1980), um discurso é sempre uma mensagem produzida por alguém e endereçada a alguém, a partir de enquadramentos que levam em consideração os objetivos do enunciador. Os detentores de poder utilizam as tecnologias discursivas a fim de conseguir determinados efeitos em seus receptores. A escolha das palavras é definida a partir de quem as usa e para quem é endereçada e produz diferentes sentidos. Os diferentes efeitos de sentido entre enunciador e co-enunciador, entre produtor e receptor, entre os meios e os indivíduos, são construídos nas relações, que são muitas vezes orientadas por ideologias e pela história e, portanto, se modificam ao longo do tempo e do espaço.

Para Fairclough (2001), os discursos não só representam as relações sociais, como as constituem. Assim como constroem identidades e entidades-chave como a saúde, a doença mental, a deficiência, a cidadania, dentre outras. Diferentes discursos constituem entidades de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais, estabelecendo relações como médico e paciente, professor e aluno, pais e filhos, igual e diferente.

Orlandi (2007) destaca que apesar da noção de discurso social se referir muitas vezes ao que é dito, é importante lembrar que há diferentes formas de dizer. Para a autora, discurso é um processo de significação e está em constante movimento. Além disso, no silêncio o sentido também “se faz em movimento, a palavra segue seu curso, o sujeito cumpre a relação de sua identidade (e da sua diferença)” (ORLANDI, 2007, p. 153). Ou seja, silêncio também é discurso.

A comunicação mobiliza discursos e pode atuar como articuladora dos sentidos. Para Grohmann (2020), este deve ser o papel das lutas por circulação. No discurso há também disputas de sentidos e, assim, as lutas acontecem e elas não se apresentam em



mesmo peso de igualdade. Há sempre alguém que tem o poder da fala e outro que se cala ou é silenciado. Nos discursos midiaticizados, há sentidos que tentam representar o senso comum, na medida em que mantém tantos outros sentidos invisíveis, desconsiderando as diferentes interpretações que, por sua vez, dependem de diferentes noções, contextos e experiências.

O debate sobre as implicações do discurso nas mudanças sociais aumenta cada vez mais em decorrência da preocupação para controlar o discurso: causar mudanças nas práticas discursivas também é objetivo da política, do mercado, do capital, dos algoritmos que orientam discussões, demandas, despertam necessidades e confundem os sujeitos sobre o que é um pensamento ou efeito de sentido individual, autônomo e o que é (inteligência) artificial.

Se os discursos, sobretudo midiaticizados e, mais ainda, sob a orientação da inteligência artificial, organizam o pensamento e o comportamento, é preciso questionar o senso comum, o consenso, o estereótipo. O discurso sobre inclusão e deficiência vem se modificando ao longo dos anos e essas diferenças se relacionam com processos históricos. As pessoas com deficiência, a princípio consideradas como inválidas, incapazes e comumente criadas à margem da sociedade, escondidas do meio social, com o tempo foram conquistando espaços e suas demandas passaram a aparecer em debates públicos em todo o mundo, a começar pela área da educação e pelas legislações que procuram reduzir as desigualdades no acesso aos direitos humanos. Ainda assim, muitas lutas seguem invisíveis, silenciadas, não representadas, como se não fizessem sentido. Na medida em que as representações sociais ensinam sobre a construção de mundo, a ausência de representatividade mostra também que a constituição do senso comum, das identidades e realidades são construídas a partir de recortes, de ideologias, de escolhas entre o que deve ou não ser dito, para quem deve ser direcionado o debate e reforçam relações de poder.

Ao se falar em midiaticização, é importante considerar as transformações das condições de circulação de sentidos (FAUSTO NETO, 2018). De acordo com Gomes



(2020), para compreender uma sociedade que saiu dos meios para uma sociedade em vias de mediação, é fundamental entender também a importância da circulação. Não é possível separar o efeito de circular dos processos de produção e de reconhecimento dos discursos.

No entanto, a preocupação com a circulação envolve também a não-circulação. Seja a não circulação de pessoas, de mercadorias ou de discursos. São lutas por sentidos em circulação e essas lutas revelam que alguns sentidos são representados como se valessem para toda a sociedade, enquanto há muitos outros que não são circulantes e, por isso, são formados por tensões (GROHMANN, 2020).

Como ressalta Grohmann (2020), as lutas por circulação ou por controle de sentidos não acontecem no vazio e deixam rastros que são essenciais para uma análise do discurso crítica. É importante entender as fissuras que mantêm lacunas nos processos comunicacionais e interacionais em uma sociedade mediada. Essas lacunas constroem uma realidade social enviesada, o que reforça as lutas por poder, as desigualdades e os silenciamentos.

1. A circulação discursiva do silêncio

De acordo com Verón, o não-dito é tão importante quanto o que é dito e as modalidades do dizer. Da mesma forma, todo dizer tem uma relação fundamental com o não dizer. Logo, todo texto carrega algum silêncio. O silêncio tem significância própria e é carregado de história. Como destaca Orlandi (2007), há um processo de produção de sentidos silenciados. Silêncio não é apenas a ausência de palavras, é impedir o interlocutor de sustentar outro discurso, outros sentidos possíveis que poderiam causar rupturas importantes.

É sobre quem é silenciado e a quem é permitida a fala. As formações discursivas são construídas historicamente por relações de força e de sentidos. Cabe entender o que faz silenciar, os motivos do silêncio e as escolhas pelo dito e o não-dito. Orlandi (2007) ressalta que para o humano existe uma necessidade do sentido, o mundo precisa ser



interpretado. Quando esse sentido é percebido como necessário, ele se torna possível; por outro lado, quando ele não é evidente, se mostra impossível porque não é considerado necessário historicamente.

Se os sentidos compartilhados são homogêneos em uma sociedade que é constituída por diversidades, entende-se que mesmo em uma ambiência midiaticizada, poucos sentidos estão circulando, o que contribui para manter entre poucos o poder de fala, o poder de acesso ao sentido. Essa permanência do silenciamento, que gera também o isolamento, reforça estereótipos e nega realidades, é consequência de uma sociedade permeada por preconceito, que encontra na ambiência midiaticizada um espaço para reforçar seus discursos. Diante desses desafios para a democratização da comunicação, é fundamental analisar o discurso em uma sociedade midiaticizada, procurando uma compreensão que ajude a intervir nos processos comunicacionais.

Para tentar entender as formas do silêncio e os contra sentidos que aparecem na luta pelo discurso, recorreremos mais uma vez à Orlandi (2007). A autora fala de dois tipos de silêncio: o fundante e a política do silêncio. O primeiro é aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito, que mostra que todo processo de significação traz uma relação necessária com o silêncio. Já a política do silêncio é o silenciamento, é quando se tira a palavra, obriga a dizer, faz calar, silenciar, apaga outros sentidos. É possível observar a política do silêncio em diferentes espaços de dominação, em diferentes relações entre opressores e oprimidos, sejam elas entre homens e mulheres, entre brancos e negros, na história do Brasil em que indígenas e negros escravizados só aparecem nos discursos sob a perspectiva dos colonizadores; nos estereótipos construídos sobre as pessoas com deficiência, etc.

O silêncio não é representável. Desta forma, como analisar a opacidade, o que não existe para a mídia ou não aconteceu na história que é narrada? Se algo não existe para os meios de comunicação, não será debatido também pela sociedade e seguirá silenciado. É urgente uma ruptura desse processo.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Seja pela dominação ou pela resistência, é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que apagam coletividades. O mesmo ocorre com as pessoas com deficiência, que são invisibilizadas e se mantêm à margem de muitos de seus direitos. O silêncio possui aspectos culturais, ideológicos, políticos e históricos. Devemos, portanto, perguntar sistematicamente o que um determinado discurso cala. É fundamental compreender o que o silêncio significa, quais os seus sentidos para uma população que se mantém invisível.

As lutas por circulação de sentidos são muitas. E até mesmo para essa disputa, é necessário o acesso à comunicação, ao conhecimento, à informação. Existem marcadores que aumentam as desigualdades. Alguns desses marcadores são: linguagem difícil, poucos que falam, falta de acessibilidade, ausência do discurso. Os marcadores muitas vezes são sutis, possuem aspectos antidemocráticos e reforçam estereótipos. É preciso assumir o papel de tentar mudar essas práticas discursivas que favorecem as relações de poder.

O silêncio, ainda que exclua muitos grupos sociais, nutre também uma força que o faz significar em outro lugar. É nessa disputa de sentidos ou de contra sentidos na luta por circulação, que alguns temas invisibilizados ganham espaço nos sites de redes sociais, na tentativa de apropriação do discurso, na esperança de se ter uma comunicação mais democrática. Quando o tema da inclusão ganha o mundo, mas segue silenciado pelos meios de comunicação, pelas instituições de mídia e pouco valorizado até pela educação, alguns sujeitos encontram na internet esse espaço de chamar para o debate, de ter acesso à informação, de compartilhar seus sentidos e quebrar o silêncio. Assim, as iniciativas que procuram contribuir com o direito à comunicação de pessoas surdas e reduzir as barreiras na comunicação, não são das indústrias de mídia nem mesmo das instituições de ensino: são influenciadores digitais surdos que investem nas redes sociais digitais para fazer ouvir suas vozes, escutar seus pares, produzir e ter acesso aos sentidos.



Algumas considerações

As lutas por circulação, portanto, são muitas e se relacionam com as lutas por poder. Onde há disputa de poder, há também diferentes escolhas e nessa diversidade podem estar as brechas para compreendermos as lutas por sentidos. Mais do que utopia, compreender efeitos de sentidos da não-circulação é fundamental em uma sociedade democrática, sobretudo para dar voz a quem não é ouvido.

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**, Brasília, Editora UnB, 2001, 316 páginas.

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

GOMES, Pedro. **Mídia e sociedade e sentido: conceitos transversais**. In Mídia, polarização e intolerância – entre ambientes, meios e circulações. Orgs.: Jairo Ferreira, Antônio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes, José Luiz Braga, Ana Paula Rosa. p. 77-88. FACOS-UFSM, Santa Maria, RS, 2020.

GROHMANN, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, jan-dez. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Ed. Unicamp, 2007.